

CAPÍTULO 34

Da Santa Cândida ao São João: Uma análise da votação dos partidos religiosos em Curitiba nas eleições de 2020

Renan Arnon de Souza

Resumo

O objetivo do trabalho é, baseado na alta associação entre lideranças evangélicas e Jair Bolsonaro, apresentar um comparativo entre as votações obtidas nos bairros de Curitiba a Bolsonaro (PSL) no 1º turno da eleição de 2018 e a candidatos a vereador(a) nas eleições de 2020 em Curitiba. A partir da literatura atual sobre a direita religiosa e sobre o efeito *coattail* conclui-se que diferentemente do pressuposto, os partidos religiosos não obtiveram em Curitiba um ganho de votação expressivo que possa ser atribuído a Bolsonaro. Corrobora este argumento o fator de que a votação em candidatos à Câmara Municipal de Vereadores pelos partidos confessionais nos bairros de Curitiba não possui correlação alguma com a atribuída à Bolsonaro em 2018. É correto afirmar que dentre grupo de partidos estudados, Republicanos e Patriota despontam como partidos com maior votação e menor concentração em relação aos demais de mesma ideologia.

Palavras-chave: Bolsonaro; direita confessional; efeito *coattail*; vereadores; conexão eleitoral.

1. Introdução

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), cerca de 86% da população é declaradamente cristã, desses, quase 65% católicos e o restante evangélicos. Nos meados do século XX, associava-se à figura do devoto cristão a uma pessoa deslocada do processo eleitoral, algo que após as eleições gerais de 2018 soa como inimaginável. Historicamente os evangélicos brasileiros se declaravam como apolíticos, distantes das coisas mundanas (onde a política estaria inclusa) e utilizavam-se da máxima

bíblica “A César o que é de César e a Deus o que é de Deus” como uma forma de reflexão explicando o distanciamento das coisas terrenas, tal visão dava ao cristão a indicação de recusar o que vai contra Deus, porém saber quem é César e qual o melhor regime seria de pouca importância. Porém, tal qual na Europa e nos Estados Unidos, a suposta necessidade de uma resposta a uma suposta crise moral tornou necessário um maior envolvimento com o dia a dia político. Tal mudança de pensamento ocorre durante o período de redemocratização, e conforme esta evoluiu, também aumentava o interesse dos evangélicos por um envolvimento oficial com as coisas “do mundo” (MARIANO & PIERUCCI, 1992).

Para explicar a ascensão da nova direita religiosa no Brasil, a análise da expansão do neopentecostalismo é um ponto chave. Em 1940 o censo indicava que 2,6% da população brasileira se declarava como evangélica, em 1970 tal proporção já era o dobro (5,2%), 9% em 1991 e chegou a 15,4% em 2000. Já o Censo 2010 indicou que o Brasil possuía cerca de 22,2% de sua população sendo evangélica. Caso tal movimento continue nesta velocidade, na década de 2040 a proporção de evangélicos deverá ser a mesma de católicos, o que há 30 anos era inimaginável (MARIANO, 2004). Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e Igreja Universal do reino de Deus (IURD) juntas ocupam cerca de 74% dentre os evangélicos, o que mostra que mesmo em um ambiente com diversas denominações os fiéis estão concentrados em grandes organizações.

Tal expansão dos movimentos neopentecostais, e em especial da Igreja Universal, pode ser explicada, pelo menos em partes, por movimentos sociais do Brasil dos últimos 30 anos, a ocupação de favelas e periferias nos grandes centros urbanos é um deles. Em meio a população migrante do campo ou de outras regiões do país que se viu morando em locais com alta taxa de violência, com baixa renda e alta densidade populacional, a preservação do núcleo fami-

liar, principalmente no aspecto moral, se tornou uma das prioridades, algo que igrejas neopentecostais possuem como bandeira através da proibição do consumo de bebidas alcoólicas, e da instrução ao não uso de roupas consideradas insinuantes. Segundo Ricardo Mariano (2004) outro ponto que atrai fiéis destas regiões periféricas dos grandes centros urbanos é a teologia da prosperidade, discurso que encontra terreno fértil em localidades de baixa renda como as periferias. Por fim, outra razão que ajuda a explicar a expansão de tais denominação foi a rápida difusão dos meios de comunicação de massa como as emissoras de rádio e televisão e mais recentemente a ampla utilização das mídias digitais, tanto através de emissoras quase que institucionais, como a Record que desde o início dos anos 1990 pertence ao bispo Edir Macedo, líder e fundador da IURD, quanto na inserção de programas pontuais em emissoras seculares como o Show da Fé, programa de TV que desde 2003 ocupa uma faixa de horário nobre na TV Bandeirantes e é apresentado pelo missionário R. R. Soares, também fundador da IURD e hoje ligado à Igreja Internacional da Graça de Deus.

Somado a este background de transformação social brasileira está o “fator Bolsonaro”, uma vez que em ocasião das eleições de 2020 eram decorridos dois anos desde a chegada de Bolsonaro ao poder, fator este que pode ser considerado o apoio por parte de grande proporção dos evangélicos, mesmo que não mais os estimados 69% dos votos válidos recebidos Bolsonaro por segundo turno do pleito presidencial, ainda é correto afirmar que Bolsonaro vê neste grupo uma de suas fortalezas Curitiba em especial torna-se ainda mais relevante por ser a capital do Sul com maior proporção de evangélicos com 24,03% e que em 2018 conferiu à Bolsonaro 76,54% dos votos válidos no segundo turno. Espera-se que este apoio à Bolsonaro se reflita em apoio à candidatos dos partidos confessionais de direita, partidos que Codato, Belatto e Bolognesi (2018) classificaram

como aqueles que baseiam as suas ideologias ou programas explicitamente em concepções religiosas e/ou estão ligados a igrejas e a movimentos com forte apelo conservador (“pró-vida”, “pró-família”, etc.). Neste trabalho os partidos estudados são: Patriota (ex-PEN), PL (ex-PR), Republicanos (ex-PRB), PSC e DC (ex-PSDC).

2. Revisão bibliográfica

2.1. De boca (maldita?) em boca

Max Weber (2015) em seu clássico *Política como vocação* aponta a definição de carisma ao inserir a dominação carismática como uma das três formas de legitimação da dominação de um indivíduo sobre o povo. Weber propõe não características específicas que alguém carismático possui, mas sim a atribuição destas qualidades a estes indivíduos e como isso justifica uma adesão incondicional a eles, sendo assim o carisma passa a ser algo social, não natural, e extremamente pessoal e personalista. Assim sendo, a dominação carismática não está ligada a nenhum regulamento escrito, mas é uma comunhão emocional que se estabelece entre o líder e seus seguidores. Weber ainda aponta que uma vez sendo a dominação carismática de ordem extremamente pessoal e personalista, a grande dificuldade em relação à dominação carismática não é a continuidade do mandato do líder carismático enquanto ele está no poder, mas sim a sua sucessão. Isso suscita a seguinte questão: “Pode um líder carismático estender sua dominação a um nível que influencie seus seguidores ao ponto de votar em seus correligionários?”. Este questionamento demonstra-se importante pois, ainda segundo Weber desde o Século XIX os partidos burgueses da época já eram apenas agrupamentos de homens importantes, onde as propagandas do tipo “ele está conosco” eram o carro chefe da publicidade.

Associado a esta indicação por parte dos líderes carismáticos, tem-se o poder do efeito *coattail*, ou efeito rabo de casaca, como é conhecido no Brasil, que de acordo com Madariaga e Ozen (2015) com grande frequência definido na literatura como um efeito colateral onde um candidato à um determinado cargo com certo nível de exposição e influência possui impacto na eleição para seus correligionários em outros cargos. Mais precisamente, o efeito *coattail* é o efeito que um político popular, candidato ou detentor de um cargo em qualquer nível do governo, causa ao atrair ou repelir através de sua popularidade e engajamento, propositalmente ou não, votos para candidatos do mesmo partido ou coligação a outros níveis de governo. Magni-Berton e Robert (2017) acrescentam elementos a esta definição ao afirmar que o efeito *coattail* emerge do comportamento eleitoral de duas maneiras distintas: i) conquistando o apoio de eleitores que, sem a influência, teriam votado em candidatos de outro partido e ii) induzindo os eleitores do candidato vencedor a comparecerem em maior número às urnas do que partidários de candidatos derrotados. O pressuposto encontrado por Brockman (2009) complementa essa definição ao atestar que a lógica do modelo do efeito *coattail* é baseada na argumentação de que os eleitores compreendem melhor as atitudes de candidatos já conhecidos em relação aos quais eles sabem menos e entendendo que os chefes de governo de todos os países possuem, se não o cargo eletivo de maior destaque e influência dentro da nação, um dos mais importantes e de maior visibilidade, e que sempre exercerá um efeito *coattail* sobre as eleições aos demais cargos sejam elas concorrentes ou realizadas tempos após a eleição do líder nacional.

Para finalizar a fase de definições, o efeito *coattail* pode ser interpretado, segundo Ratnawati e Romansa (2020), como a influência dos candidatos centrais de um partido no aumento de votos dos partidos políticos a outros cargos nas eleições gerais. O impacto pode vir

de um candidato à presidência ou de um candidato à vice-presidência que é promovido. A questão é que em existindo um efeito *coattail* relevante os partidos políticos obterão uma esmagadora maioria de votos na eleição legislativa se nomearem figuras populares e tiverem alta elegibilidade. Madariaga e Ozen (2015) ainda acrescentam ao definir efeito *coattail* como uma teoria que regula as relações sequenciais, em que o partido vencedor na eleição legislativa é aquele a partir do qual o presidente e o vice-presidente são eleitos. O padrão de efeito *coattail* fortalecerá a avaliação do desempenho do partido, ao mesmo tempo em que oferece oportunidades para que os partidos políticos funcionem ainda melhor à medida que os eleitores elegem candidatos do mesmo partido.

2.2. Se sai do Seminário e chega-se ao Centro Cívico

Partidos políticos não são uma invenção recente, Whigs e Tories já se enfrentavam na Inglaterra do século XVII enquanto Girondinos e Jacobinos se opunham na França do século seguinte. Para Duverger (1987) todo partido político deve estar enraizado na sociedade de seu país, uma vez que “a forma de um partido é essencialmente estabelecida por uma instituição pré-existente cujas verdadeiras atividades estão fora das eleições e do parlamento”. Em maior destaque nesse aspecto de representarem partes da sociedade estão os partidos trabalhistas, mas os partidos religiosos também possuem essa característica de associação entre o partido e os grupos sociais.

É correto afirmar que a Revolução Francesa é quando se estabelece a separação formal entre o poder do Estado e o poder eclesiástico da igreja católica, dando início para a prevalência do iluminismo na sociedade, resultando na desapropriação de bens eclesiásticos como as vastas propriedades rurais, na supressão dos privilégios políticos do clero e até mesmo na limitação de culto, tudo

isso com forte apoio da sociedade. Malfatti (2012) afirma que as reações a essas investidas vieram a partir da segunda metade do século XIX com a decisão dos cristãos se envolverem politicamente, e com isso fazerem frente ao materialismo e ateísmo com propostas éticas e democráticas. Este cenário faz com que os partidos cristãos sejam criados e desenvolvidos durante os séculos XIX e XX na Europa, o que não significa que previamente não tenha existido grupos leigos comprometidos com os princípios e valores cristãos na esfera política, nem que após o século XX este fenômeno esteja encerrado. Ainda segundo Malfatti, ao observar o mapa da Europa nos séculos XIX e XX constata-se que em alguns espaços a democracia cristã foi mais bem sucedida do que em outros, o que leva à seguinte indagação: Por que os partidos democratas cristãos germinaram e floresceram em determinados locais e em outros não?

Para tal questionamento Malfatti (2012) afirma que os partidos cristãos católicos foram mais bem-sucedidos em sociedades onde o cristianismo era praticado fervorosamente, de maneira intensa, pois o catolicismo através de seus partidos trazia uma expressão política da religião. O cristianismo das associações de bairro, das entidades e dos sindicatos passou a fazer parte dos partidos agora organizados, fazendo com que eles passassem a ser a face social da religião. Rosenblum (2003) por sua vez afirma que a tese padrão sobre a formação de partidos políticos apenas pressupõe que, onde as clivagens religiosas são expressivas politicamente, surgem partidos de base religiosa. Outra possível afirmação é o que Adams et. al (2006) expõem como sendo a necessidade de que os partidos religiosos não se manei-rem tanto em comparação aos demais uma vez que isso poderia ser entendido pelos seus eleitores como um abandono aos valores religiosos, partindo rumo à moderação dos demais.

Brocker e Künkler (2013) afirmam que partidos religiosos são aqueles que possuem uma ideologia, ou uma visão de mundo, ba-

seada na religião e assim tendo um apelo interclasse, e com isso mobilizam apoios com base na identidade religiosa dos cidadãos. Obviamente partidos não religiosos também podem usar ou referir-se a ideias, terminologias, objetivos e símbolos (como, por exemplo, o Partido Republicano nos Estados Unidos) religiosos em determinados momentos e/ou situações. Gunther e Diamond (2003) distinguem os partidos religiosos em dois: Denominacionais e fundamentalistas. Segundo os autores, a base dos programas dos partidos religiosos é um conjunto de crenças religiosas que são determinadas pela combinação entre a tradição e a interpretação por clérigos de uma instituição religiosa fora do próprio partido, o que faz com que o partido não esteja totalmente no controle de seus preceitos ideológicos centrais, e sim a direção religiosa, sendo a diferença entre os dois grupos a flexibilidade quanto a estes conceitos principais.

No Brasil, por sua vez, a primeira inclinação de alguns setores específicos das igrejas cristãs, principalmente a Igreja Católica, foi à esquerda, algo que não foi um fator específico em determinada localidade ou tempo. A associação de setores da Igreja com vertentes do socialismo, as bases sindicais e os movimentos sociais ocorreram paralelamente ao movimento europeu. Barbosa (2007) expõe que houve essa simbiose a partir do final dos anos 1950 até os anos 1970, quando a Juventude Universitária Católica (JUC) iniciou uma participação mais ativa na política estudantil nacional, e como consequência tal movimento avançou em favor de uma reforma universitária e por mudanças na sociedade brasileira. Ao final dos anos 1970 e início dos anos 80 muitos membros das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) se envolveram ativamente em atividades sindicais, principalmente no ABC Paulista, inclusive com a criação da Pastoral Operária em São Paulo e a organização das greves dos metalúrgicos em 1978-80. Neste contexto em 1980 nasce o Partido dos Trabalhadores (PT) como resultado de uma série de fatores, como i) a presença das principais lideranças sindicais do país em São Paulo, ii) a base

de massa já organizada na década anterior e que já se manifestava por ocasião das greves e lutas sindicais e iii) a preparação do terreno para o lançamento da esquerda organizada. Destes três fatores, ao menos os dois primeiros foram fortemente influenciados pela Igreja em sua estruturação. Segundo Sales e Mariano (2019) a atuação católica em assuntos de interesse público perdurou por todo o restante do século, assim como sua presença e influência na sociedade civil, tomada, inclusive, como modelo e referência para a formulação de direitos civis.

Os movimentos mais recentes de religiosos na política brasileira refletem justamente as transformações que a sociedade brasileira atravessa nas últimas décadas: o crescimento dos protestantes, em especial os pentecostais e neopentecostais. Segundo o Censo demográfico de 2000, 26,2 milhões de pessoas se declaravam evangélicas no início do Século XXI, contra 42,3 em 2010, um percentual correspondente a 22,2% da população total. Estes números comprovam o franco crescimento dessa vertente do cristianismo, dado que em 1991, os evangélicos somavam 9% e 6,6% em 1980. Em complemento, o IBGE ainda calcula que anualmente são abertas 14 mil igrejas evangélicas no país (QUEIROZ, 2019). Dado este crescimento, é natural que a participação dos evangélicos na política também tenha crescido. Como reflexo, em 2003 foi criado o que é entendido como a primeira participação ativa de setores religiosos no congresso, a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) na Câmara dos Deputados, uma iniciativa que a princípio tinha o objetivo de unir, inclusive através da realização de cultos semanais, os parlamentares de origem evangélica em torno de pautas conservadoras, principalmente no campo dos costumes, rompendo com as barreiras dos partidos uma vez que assim como o movimento político evangélico é suprapartidário e sem denominação definida a frente também é. Mariano e Gerardi (2019) afirmam que o movimento ativista evangélico na política desde seu início se tornou objeto de crescente contestação e repúdio desde se-

tores progressistas da sociedade, como feministas e entidades LGBT além de setores mais tradicionais órgãos de imprensa, intelectuais, juristas, educadores, jornalistas e defensores da laicidade do Estado e do ensino, dos direitos humanos, da separação entre religião e política e entre igreja e Estado. Muito embora em sua essência o ativismo evangélico brasileiro seja um movimento suprapartidário, nas duas últimas décadas foram também criados partidos especificamente com temáticas cristãs seguindo as definições de Brocker e Künkler (2013).

Sobre estes partidos, Coppedge (1997a) (1997b) considera duas dimensões simultâneas para a classificação dos partidos latino-americanos, onde a primeira diz respeito à oposição entre “confessional” e “secular”, e a segunda está baseada na dimensão clássica esquerda-direita, porém segmentada em blocos entre direita, centro-direita, centro, centro-esquerda e esquerda. Codato, Belatto e Bolognesi (2018) se utilizam dos estudos de Coppedge (1997a) (1997b) para classificar os partidos da direita confessional brasileira como aqueles que baseiam a sua ideologia ou programa explicitamente em concepções religiosas e/ou estão ligados a igrejas e a movimentos com forte apelo conservador (“pró vida”, “pró família”, etc.). No exemplo escolhido por Coppedge (1997a) (1997b), o modelo seria o dos partidos democratas-cristãos europeus, no caso brasileiro os autores classificam como partidos de direita confessional: Patriota (ex-PEN), PL (ex-PR), Republicanos (ex- PRB), PSC e DC (ex-PSDC).

2.3. Tudo em nome do (Jair) Messias

Em 2018, pela primeira vez desde 1994 a disputa entre PT e PSDB, que estruturou as eleições presidenciais por duas décadas, teve fim. Contribuíram para tal cenário a conjuntura de crise econômica, a alta do desemprego, da pobreza e da desigualdade, a Ope-

ração Lava Jato, o impeachment de Dilma Rousseff (PT), a impopularidade de seu sucessor Michel Temer (MDB) que foi denunciado por corrupção, a renascença da extrema-direita brasileira, o descrédito nas instituições políticas, a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a difusão em massa de fake News através de teorias conspiratórias nas redes sociais. Curiosamente, quem perdeu o lugar de protagonista não foi o PT, mas sim os tucanos com Geraldo Alckmin, abrindo então espaço para quem capitalizou as questões acima mencionadas: Jair Bolsonaro (PSL).

Sobre o pleito de 2018, Mariano e Gerardi (2019) afirmam que igrejas evangélicas tornaram-se bastiões antipetistas e pastores ocuparam as redes sociais para demonizar os governos petistas, o PT e seu candidato. Segundo eles, líderes evangélicos apoiaram Bolsonaro, acima de tudo, por considerá-lo representante legítimo de seus valores e capaz de derrotar o inimigo petista e os perigos que lhe atribuíam: implantar o comunismo perseguir os cristãos, abolir o direito dos pais de educar os filhos, reorientar a sexualidade das crianças, destruir a família. O grande apoio das lideranças evangélicas a Bolsonaro reascendeu o antipetismo evangélico, porém, tamanha clivagem político-ideológica já estava sendo gestada há anos. Segundo Mariano e Pierucci (1992) a demonização evangélica do PT principiou na eleição presidencial de 1989, mas esmaeceu nos governos Lula e posteriormente no governo Dilma, inclusive com a chegada do bispo, e posteriormente prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (PRB) ao quadro ministerial.

Quase três anos após a chegada de Bolsonaro ao poder, mesmo que o apoio à por parte dos evangélicos não seja mais os estimados 69% dos votos válidos recebidos Bolsonaro por segundo turno do pleito presidencial (G1, 2018), dado que a aprovação de seu governo neste grupo em pesquisas recentes está em 29% (GUERRA, 2021), é correto afirmar que Bolsonaro ainda vê neste grupo a

sua fortaleza e é importante estudar como aqueles que carregam a alcunha de “cristãos” em suas lutas políticas se beneficiaram disso. Curitiba torna-se ainda mais importante por ser a capital do Sul com maior proporção de evangélicos com 24,03% (PRATES, 2016) e que em 2018 conferiu à Bolsonaro 76,54% dos votos válidos no segundo turno (TSE, 2020). Dado este plano de fundo, as três hipóteses a serem testadas neste trabalho são:

H1) Os partidos da direita confessional apresentam menor concentração regional (por bairro) que os demais partidos;

H2) Partidos da direita confessional são aqueles que apresentaram maior crescimento eleitoral em 2020 quando comparado às eleições de 2016;

H3) Bairros que apresentaram maior votação em Jair Bolsonaro em 2018 são aqueles com maior votação em candidatos de partidos da direita confessional.

3. Materiais e métodos

3.1. Coleta de dados e método de análise

A coleta de dados aconteceu durante o mês de julho de 2021. Os dados estão disponíveis no Repositório de dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (TSE, 2020) e foram analisados no Software R, versão 4.0.3. Foram coletados os dados das votações para vereadores nas eleições municipais de 2016 e 2020 e das eleições à presidência em 2018, em todas sendo considerados apenas votos válidos (Excluindo votos brancos e nulos). Para a análise de dados, primeiramente foram calculados dois índices: i) Índice de Desigualdade Regional Cumulativa (IDRC) para a avaliação do quanto a votação em cada partido foi concentrada ou dispersa pelos bairros de Curitiba e ii) A Diferença Relativa de Votos (DRV) para a avaliação do cres-

cimento eleitoral dos partidos confessionais em cada um dos bairros curitibanos. Para o teste da hipótese H1) foi justamente utilizado o IRDC para cada bairro e posteriormente aplicado um teste *t-student* comparando partidos da direita confessional frente aos demais. Para o teste de H2) foi calculada a volatilidade eleitoral (IVE) de cada partido e novamente aplicado um teste *t-student* comparando partidos da direita confessional frente aos demais. H3) foi testada através do Índice de Correlação de Pearson comparando a votação de Bolsonaro em 2018 com a obtida por partidos confessionais em 2020.

3.2. Índice de desigualdade regional cumulativa (IDRC)

O Índice de Desigualdade Regional Cumulativa (IDRC) foi proposto por Derek Urwin (URWIN, 1983) com o objetivo de dimensionar o padrão dos de concentração dos votos. O índice é calculado por partido e quanto mais concentrada é a votação de um dado partido, mais ele se aproxima de 1, o IDRC é descrito pela fórmula:

$$IDRC_j = \frac{\sum_{i=1}^n |pvot_i - peleit_i|}{2}$$

Onde: *pvot* é a proporção de votos alcançada pelo partido *j* no bairro *i*. *peleit* é a proporção de eleitores que o bairro *i* representa no eleitorado total. *n* é a quantidade de partidos políticos na população analisada.

3.3. Diferença relativa de votos (DRV)

Assim como no trabalho de Bolleyer e Bytze (2015), a Diferença Relativa de Votos (DRV) expressará o percentual que um partido ganhou ou perdeu de votação da primeira eleição, que é aquela em que o partido alcança a sua primeira cadeira na Câmara dos Deputados, para a eleição seguinte. A DRV pode ser expressa por:

$$DRV = \frac{(Vot_2 - Vot_1)}{(Vot_1)}$$

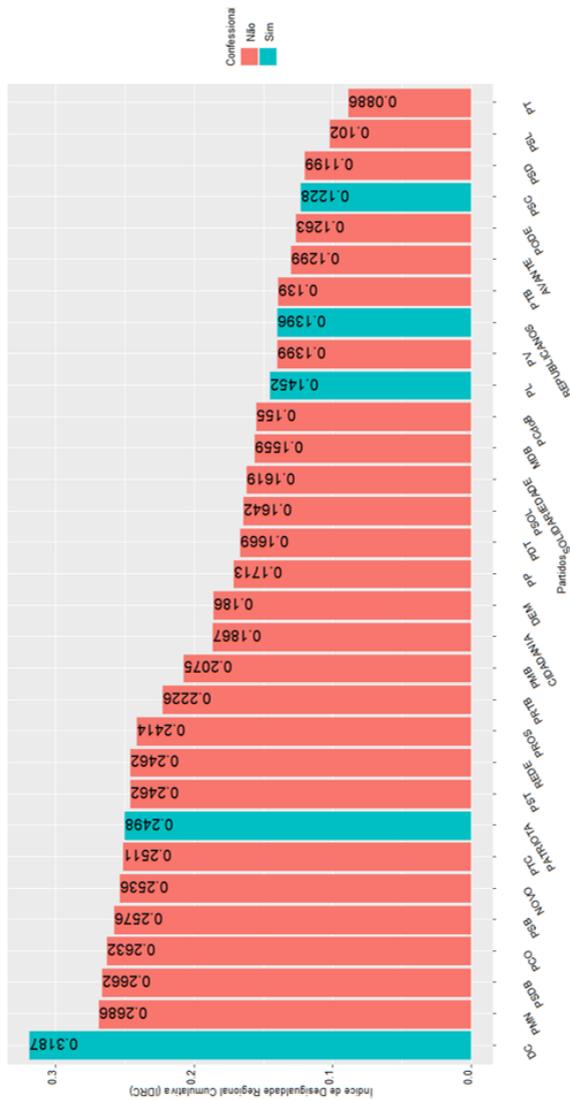
Onde: Vot_1 é o percentual de votação alcançado pelo partido na eleição em que ganha sua primeira cadeira na Câmara dos Deputados; Vot_2 é o percentual de votação alcançado pelo partido na eleição seguinte a que ganhou sua primeira cadeira na Câmara dos Deputados.

4. Resultados

4.1. Grandes catedrais ou pequenas capelas?

Através do índice proposto por Urwin (1983) a primeira hipótese a ser testada é H1) Os partidos da direita confessional apresentam menor concentração regional (por bairro) que os demais partidos. A hipótese é prontamente refutada, pois ao se calcular o IRDC médio dos partidos confessionais (0,19) e compará-lo com o IRDC médio dos demais partidos (0,18) se encontra que esta diferença de 0,1 não pode ser considerada significativa ao realizar o teste-*t* (*p*-valor de 0,84). Esta similaridade pode ser verificada na Imagem 1 onde percebe-se que não há uma concentração dos partidos confessionais na área que indica menor concentração. Estes resultados apontam que partidos da direita confessional, por mais que carreguem valores cristãos em suas definições, em termos de resultados na esfera da competição eleitoral municipal em Curitiba acabam possuindo características similares com as dos demais partidos, carregados por seus principais candidatos, possuem uma concentração média de votos onde justamente esses são mais fortes. A média do IRDC dos partidos confessionais é ainda elevado pelos resultados do Democracia Cristã com 0,3187, sendo o partido com maior concentração de votos nos bairros de Curitiba.

Imagem 1 – IRDC por partido nas eleições à vereança em Curitiba 2020



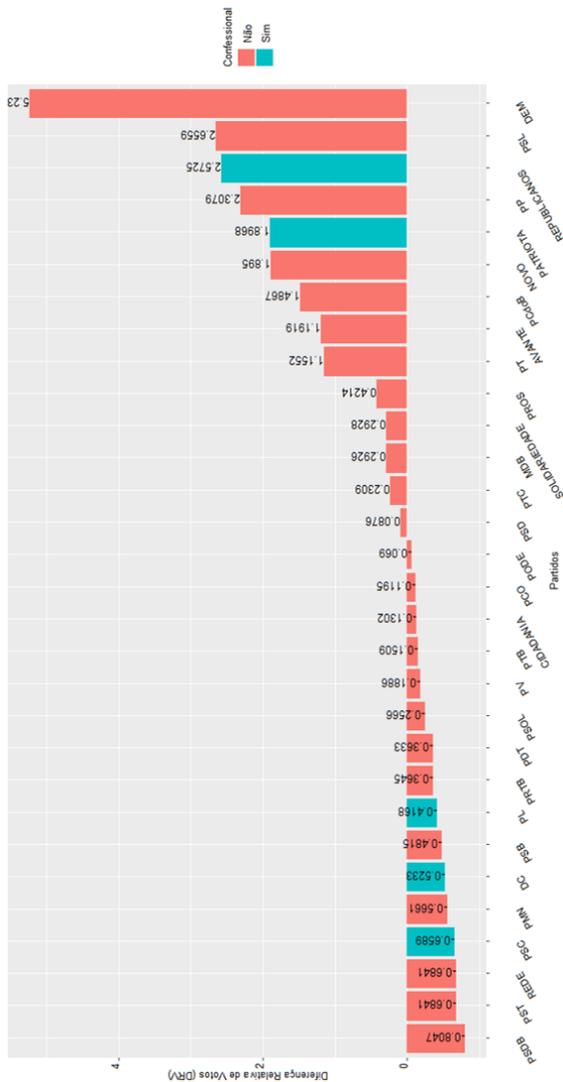
Fonte: O autor com dados coletados do Repositório de dados do TSE.

4.2. Os profetas avisaram que haveria um messias

Baseado na discussão sobre o efeito *coattail*, as duas próximas hipóteses têm como objetivo encontrar possíveis ganhos que os candidatos a vereador em Curitiba pelos partidos confessionais tenham conseguido de 2016 para cá tendo como grande influência o presidente Jair Bolsonaro e o apoio maciço de lideranças evangélicas a ele. Com o índice proposto por Pedersen (1984) a segunda hipótese a ser testada neste trabalho é H2) Partidos da direita confessional são aqueles que apresentaram maior crescimento eleitoral em 2020 quando comparado às eleições de 2016. A hipótese é novamente prontamente refutada, pois ao se calcular o DRV médio dos partidos confessionais (0,57) e compará-lo com o DRV médio dos demais partidos (0,54) se encontra que esta diferença de 0,03 não pode ser considerada significativa ao realizar o teste-*t* (*p*-valor de 0,97).

Ao analisar a diferença relativa de votos por partido na Imagem 2, percebe-se que o partido com maior crescimento de 2016 para 2020 foi disparadamente o Democratas, partido que abrigou o então prefeito Rafael Greca que em 2016 foi eleito pelo PMN. Em sequência aparecem o PSL, partido que elegeu Jair Bolsonaro em 2018 e logo em sequência o Republicanos, partido confessional de maior destaque nessa eleição. Tais resultados indicam outros argumentos já debatidos sobre o efeito *coattail*: Mais do que alinhamentos ideológicos, o eleitor está inclinado ao partido do líder carismático e de quem está no comando do distrito eleitoral, e com maior força em eleições simultâneas.

Imagem 2 – DRV por partido nas eleições à vereança em Curitiba (2016 – 2020)



Fonte: O autor com dados coletados do Repositório de dados do TSE.

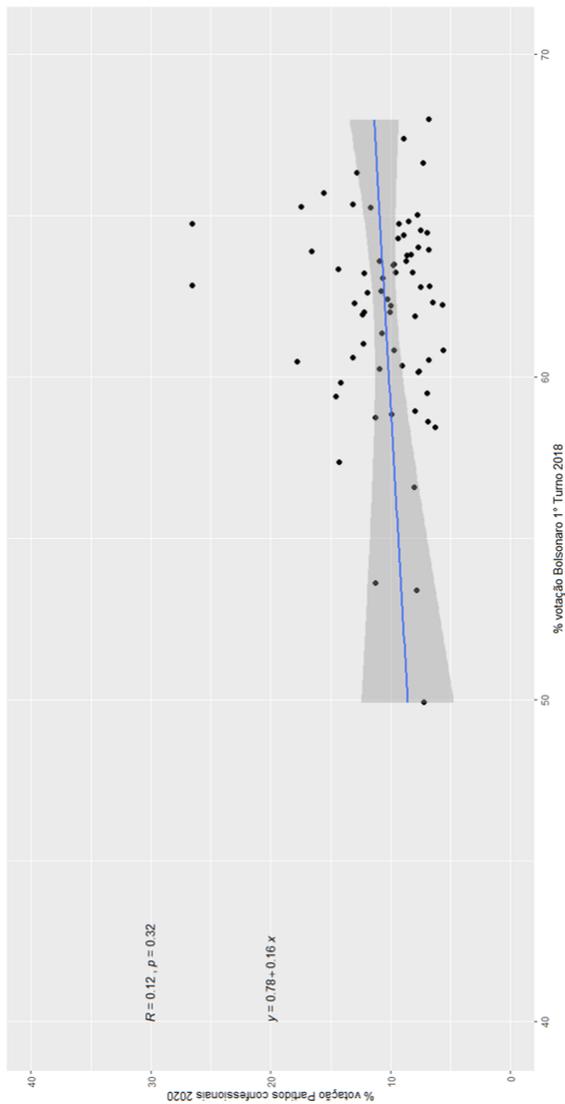
Um próximo cenário a ser analisado é onde Bolsonaro obteve suas maiores votações em Curitiba em 2018 foi justamente onde partidos confessionais de direita apresentaram maior crescimento de votos (medido pelo DRV) nas eleições de vereadores. Na Imagem 3, onde cada ponto representa um bairro da capital, expõe-se a baixa correlação entre essas variáveis (Índice R de correlação = 0,13), o que leva à rejeição de mais essa hipótese.

A Imagem 4 complementa a visão e apresenta justamente os dois mapas, à esquerda (em verde) o da votação de Bolsonaro no primeiro turno de 2018 e à direita (em azul) o percentual somado dos vereadores de partidos confessionais em 2020. No mapa fica claro que não há relação entre as duas eleições, isso fica claro pois em 2018 Bolsonaro obteve suas maiores vitórias relativas em bairros como Batel, Ganchinho, Seminário e Umbará, enquanto em 2020 os vereadores de partidos evangélicos obtiveram maiores proporções de votos nos bairros Fazendinha, Botiatuvinha, Santa Cândida e Hauer. Confirma esta análise o Índice R de correlação de Pearson em 0,12, indicando baixíssima associação entre as variáveis, o que leva à rejeição da hipótese H3) Bairros que apresentaram maior votação em Jair Bolsonaro em 2018 são aqueles com maior votação em candidatos de partidos da direita confessional.

5. Discussão

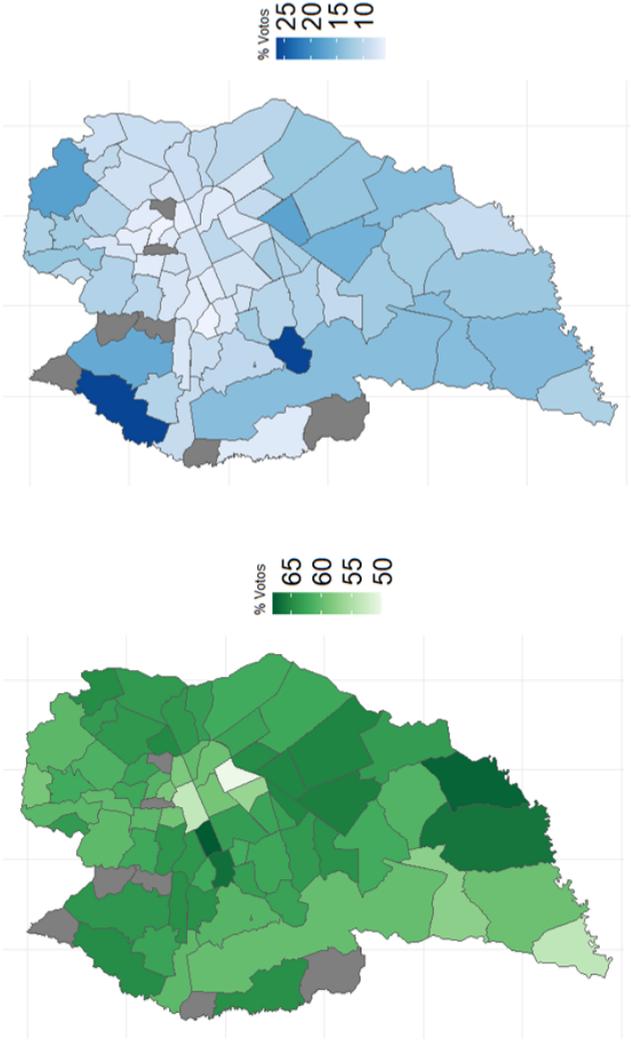
É correto afirmar que, perante a rejeição das três hipóteses propostas, não existe uma relação direta entre a votação obtida por Jair Bolsonaro (PSL) em 2018 e a obtida por candidatos a vereador por partidos da direita religiosa (Republicanos, Patriota, DC, PSC e PL) em 2020. Dado tal cenário, três cenários aparecem como possíveis explicações, não excludentes entre si, para esta não associação.

Imagem 3 – Dispersão: votação em Bolsonaro no 1º turno de 2018 x votação em candidatos à vereança por partidos confessionais em 2020 (por bairro)



Fonte: O autor com dados coletados do Repositório de dados do TSE.

Imagem 4 – Mapa: votação em Bolsonaro no 1º turno de 2018 x votação em candidatos à vereança por partidos confessionais em 2020 (por bairro)*



Fonte: O autor com dados coletados do Repositório de dados do TSE.

* Os bairros em cinza não possuem seções eleitorais

As duas primeiras possíveis explicações estão na teoria do efeito *coattail* precisamente apresentadas: A primeira questão vai ao encontro à proposta de Rich (2018) que afirma que o efeito será mais proeminente em eleições simultâneas. Esta definição possui correlação com o efeito *surge and decline* proposto por Campbell (1966). Segundo ele um dos efeitos colaterais do efeito *coattail*, ocorre quando nas eleições legislativas estadunidenses que são coocorrentes com as eleições presidenciais o partido do presidente eleito também se beneficia fortemente nas corridas para a Câmara dos Representantes, e dois anos depois nas *midterms* perde grande parte de sua vantagem. Essas definições suportam que: i) O maior efeito *coattail* foi produzido na verdade pelo prefeito Rafael Greca (DEM), que ao abandonar o PMN por quem se elegeu em 2016 e disputar a corrida eleitoral em 2020 pelo Democratas, auxiliou o partido a ter um índice de crescimento basicamente duas vezes em relação ao segundo partido que mais cresceu, o PSL, (5,23 x 2,65). O fato de o PSL ser o segundo partido com maior índice de crescimento expõe a questão de ii) Mais do que valores similares, o eleitor associa partidos. Muito embora por ocasião das eleições municipais o presidente Jair Bolsonaro já não mais estivesse no PSL por quem se elegeu em 2018, inclusive com a tentativa frustrada de criar a legenda Aliança pelo Brasil, o eleitor reconhece que este é o partido que o representa. Além disso, os próprios candidatos buscaram se filiar e competir pelo partido que abrigou o vencedor à presidência dois anos antes. Interessante notar que o candidato à prefeitura pelo PSL, Fernando Francischini não conseguiu surfar na mesma onda de seus vereadores, obtendo apenas 6,26% dos votos, muito abaixo 76,54% obtidos por Bolsonaro em 2018 na capital paranaense.

Por fim, a conexão eleitoral nos leva à terceira possível explicação aos resultados: iii) os eleitores curitibanos em 2020 primariamente votaram em candidatos associados às suas localidades (bair-

ros, vilas e afins) e não por ideologia. Sobre a conexão eleitoral entre eleitores e vereadores, Lopez (2004) afirma que o vereador é a pessoa investida da obrigação de atender às demandas dos eleitores. Há nos eleitores a percepção de que, se por um lado o atendimento às demandas depende do acesso do Vereador à administração municipal, por outro, o fato mesmo de tornar-se vereador, estar no cargo é, em si, um atributo que lhe confere parte dos acessos. Ao ser empossado, o vereador adquire um status que lhe confere, junto aos funcionários da administração pública, a legitimidade para requerer e solicitar procedimentos, realizar pedidos, encaminhar processos, intervir em rotinas administrativas. Ainda sobre isso, Facundo (2015) afirma que no caso brasileiro, pode-se afirmar que a conexão eleitoral tem uma maior volatilidade. Em alguns distritos ainda persiste, mesmo que de forma atenuada, o poder dos chefes locais e de políticos ligados às oligarquias, esses parlamentares ainda conseguem manter as suas bases de um pleito para outro. Entretanto, principalmente nas grandes cidades as disputas estão cada vez mais intensas e nem sempre um bom mandato parlamentar é garantia de reeleição. A conexão eleitoral aparece claramente nos bairros que apresentaram candidatos de partidos religiosos que angariaram muitos votos em 2020 mesmo não tendo sido redutos bolsonaristas em 2018: Salles do Fazendinha (DC) e Jornalista Márcio Barros (PSC) no Fazendinha, Sidnei Toaldo (Patriota) no Botiatuvinha, Nena Malassa (PL) no Santa Cândida e Geovane Fernandes (Patriota) no Hauer.

6. Considerações finais

Max Weber em *Política como vocação* (2015) propõe que o carisma não é atribuído diretamente a características específicas que alguém possui, mas sim a atribuição destas qualidades a estes indivíduos por parte do povo e como isso justifica uma adesão incondicional a estes líderes, sendo assim o carisma passa a ser algo social, não

natural, e extremamente pessoal e personalista. A partir disso   que se estabeleceu a teoria do efeito *coattail*, que segundo Madariaga e Ozen (2015)   com grande frequência definido na literatura como um efeito colateral onde um candidato a um determinado cargo com certo nível de exposi o e influência possui impacto na elei o para seus correligionários em outros cargos.

Neste trabalho foi estudado justamente um possível efeito *coattail* causado pela elei o de Jair Bolsonaro aos partidos da direita confessional: Republicanos, Patritoa, DC, PSC e PL, que são classificados por Codato, Belatto e Bolognesi (2018) nessa categoria por basearem suas ideologias explicitamente em concep es religiosas e/ou estão ligados a igrejas e a movimentos com forte apelo conservador ("pr -vida", "pr -família", etc.).

Nas análises, após o teste estatístico *t-student* (*p-valor* de 0,84) foi rejeitada H1) Os partidos da direita confessional apresentam menor concentra o regional (por bairro) que os demais partidos uma vez que ao se calcular o IRDC médio dos partidos confessionais (0,19) e compará-lo com o IRDC médio dos demais partidos (0,18) se encontra que esta diferença de 0,1 não pode ser considerada significativa. Também foi rejeitada H2) Partidos da direita confessional são aqueles que apresentaram maior crescimento eleitoral em 2020 quando comparado às elei es de 2016 pois ao se calcular o DRV médio dos partidos confessionais (0,57) e compará-lo com o DRV médio dos demais partidos (0,54) se encontra que esta diferença de 0,03 não pode ser considerada significativa ao realizar o teste-*t* (*p-valor* de 0,97). Por fim também se rejeitou H3) Bairros que apresentaram maior vota o em Jair Bolsonaro em 2018 são aqueles com maior vota o em candidatos de partidos da direita confessional pois com  ndice de correla o R de Pearson em 0,12 não se pode afirmar que exista associa o entre a vota o de Jair Bolsonaro em 2018 e de candidatos de partidos confessionais em 2020.

Por fim, ressalta-se a importância de três fatores: i) O maior efeito *coattail* foi produzido na verdade pelo prefeito Rafael Greca (DEM); ii) o eleitor associa candidatos à partidos mais do que a ideologias; e iii) os eleitores curitibanos em 2020 primariamente votaram em candidatos associados às suas localidades (bairros, vilas e afins) e não por ideologia. Este último fator, em especial pôde ser notado pelas votações de Salles do Fazendinha (DC) e Jornalista Márcio Barros (PSC) no Fazendinha, Sidnei Toaldo (Patriota) no Botiatuvinha, Nena Malassa (PL) no Santa Cândida e Geovane Fernandes (Patriota) no Hauer, em todos esses casos os candidatos foram os mais votados de seus bairros, reforçando assim a teoria da conexão eleitoral. Importantes melhorias futuras neste estudo seriam: i) a análise específica do PSL, que mesmo não sendo um partido confessional abrigou boa parte dos seguidores de Bolsonaro; ii) a análise de candidatos com nomes de urna confessionais (pastor(a), bispo(a), etc.); e iii) realização de uma análise geográfica para entender melhor as relações entre a cidade e os votos religiosos.

Referências

ADAMS, J., CLARK, M., EZROW, L., & GLASGOW, G. (2006). Are Niche Parties Fundamentally Different from Mainstream Parties? The Causes and the Electoral Consequences of Western European Parties' Policy Shifts, 1976-1998. *American Journal of Political Science*, 50(3), 513-529.

Agência IBGE. (29 de Junho de 2012). Agência IBGE Notícias. Fonte: Agência IBGE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espirtas-e-sem-religiao>

BARBOSA, I. (2007). *A esquerda católica na formação do PT*. Marília, SP.

BROCKER, M., & KÜNKLER, M. (2013). Religious parties: Revisiting the inclusion-moderation hypothesis - Introduction. *Party Politics*, 19(2), 171-186.

BROOCKMAN, D. E. (2009). Do Congressional Candidates Have Reverse Coattails? Evidence from a Regression Discontinuity Design. *Political Analysis*, 17, 418-434.

CAMPBELL, A. (1966). Surge and Decline: A Study of Electoral Change. Em A. Campbell, P. E. Converse, W. E. Miller, & D. E. Stokes, *Elections and the Political Order* (pp. 40-62). New York: John Wiley and sons.

CODATO, A., BERLATO, F., & BOLOGNESI, B. (2018). "Tipologia dos políticos de direita no Brasil: uma classificação empírica". *Análise Social*, 870-897.

COPPEDGE, M. (1997a). A Classification of Latin American Political Parties (Working Paper No. 244). Working Paper. EUA, The Helen Kellogg Institute for International Studies.

COPPEDGE, M. (1997b). "The dynamic diversity of Latin American party systems". In *Latin American Studies Association* (ed.), Paper prepared for delivery at the 1997 Meeting of the Latin American Studies Association. Latin American Studies Association, 1-21.

DUVERGER, M. (1987). *Os partidos políticos*. Rio de Janeiro: Zahar.

FACUNDO, L. (2015). *Conexão eleitoral e atuação parlamentar dos vereadores de Fortaleza*. Fortaleza. Acesso em 29 de Agosto de 2021, disponível em http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12657/1/2015_dis_ldtfacundo.pdf

G1. (26 de Outubro de 2018). Eleições 2018. Fonte: G1: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/26/datafolha-de-25-de-outubro-para-presidente-por-sexo-idade-escolaridade-renda-regiao-religiao-e-orientacao-sexual.ghtml>

GUERRA, R. (25 de Junho de 2021). Extra. Acesso em 24 de Agosto de 2021, disponível em Notícias: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-perde-apoio-entre-eleitorado-evangelico-segundo-pesquisa-rv1-1-25076303.html>

GUNTHER, R., & DIAMOND, L. (2003). Species of Political Parties: A New Typology. *Party Politics*, 9(2), 167-199.

LOPEZ, F. (2004). A política cotidiana dos vereadores e as relações entre executivo e legislativo em âmbito municipal: o caso do município de Araruama. *Revista de Sociologia e Política*, 22, 153-177.

MAGNI-BERTON, R., & ROBERT, M.-V. (2017). Maximizing presidential coattails: the impact of the electoral calendar on the composition of the National Assembly. *French Politics*, 15, 488-504.

MALFATTI, S. (2012). A democracia cristã como opção aos totalitarismos europeus. *Revista Estudos Filosóficos*, 9, 77-97.

MANDARIAGA, G. A., & OZEN, E. H. (2015). Looking for two-sided coattail effects: Integrated parties and multilevel elections in the U.S. *Electoral Studies*, 40, 66-75.

MARIANO, R. (2004). Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, 18(54), 121-138.

MARIANO, R., & GERARDI, D. (2019). Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. *Revista USP*, 120, 61-76.

MARIANO, R., & PIERUCCI, A. (1992). O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos Cebrap*, 3(34), 92-106.

PEDERSEN, M. (1984). Changing patterns of electoral volatility in european party systems, 1948 - 1977: explorations in explanation. Em H. DAALDER, *Western european party systems: continuity and change*. Sage.

PRATES, M. (13 de Setembro de 2016). Exame. Acesso em 24 de Agosto de 2021, disponível em Brasil: <https://exame.com/brasil/as-capitais-mais-e-menos-evangelicas-do-brasil/>

QUEIROZ, C. (09 de Dezembro de 2019). Nexo. Acesso em 24 de Agosto de 2021, disponível em Externo: <https://www.nexojournal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica>

Ratnawati, & ROMANSA, D. (2020). Coattail Effect Strategy of Gerindra Party in 2019 Concurrent Election. *UNISCI Journal*, 53, 177-192.

RICH, T. (2018). COATTAILS AND MIXED ELECTORAL SYSTEMS: EVIDENCE FROM TAIWAN'S 2016 ELECTION. *Journal of East Asian Studies*, 18, 47-66.

ROSENBLUM, N. (2003). Religious Parties, Religious Political Identity, and the Cold Shoulder of Liberal Democratic Thought. *Ethical Theory and Moral Practice*, 6(1), 23-53.

SALES, L., & MARIANO, R. (2019). Ativismo político de grupos religiosos e luta por direitos. *Religião e Sociedade*, 39(2), 1-27.

TSE. (2020). Repositório de dados eleitorais. Acesso em 10 de Dezembro de 2020, disponível em Tribunal Superior Eleitoral: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais-1/repositorio-de-dados-eleitorais>

URWIN, D. (1983). Harbinger, Fossil or Fleabite? 'Regionalism' and the West European Party Mosaic. Em H. DAALDER, & P. MAIR, *The West European Party System*. London: Sage.

WEBER, M. (2015). A Política como Vocação. Em M. WEBER, *Ciência e Política, Duas Vocações*. São Paulo: Martin Claret.

Sobre o autor

Renan Arnon de Souza

Mestrando em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: renan.arnon12@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6880-0907>.

